



Ambientes de Aprendizagem

Problematizando Práticas

Curriculares

Edméa Oliveira dos Santos

Desmistificando o Conceito de Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Ambientes virtuais de aprendizagem, expressão muito utilizada contemporaneamente por educadores, comunicadores, técnicos em informática e tantos outros sujeitos e grupos interessados pela interface educação e comunicação com mediação tecnológica, mas especificamente pelas relações sócio-técnicas entre humanos e redes telemáticas de informação e comunicação. Mas afinal o que quer dizer Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA?

Por ambientes podemos entender tudo aquilo que envolve pessoas, natureza ou coisas, objetos técnicos. Já o virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. No senso-comum muitas pessoas utilizam a expressão virtual para designar alguma coisa que não existe como, por exemplo: “meu salário este mês está virtual”, “no município X tem tanta corrupção que 30% dos eleitores são virtuais”. Enfim virtual nos exemplos citados vem representando algo fora da realidade, o que se opõe ao real.

Lèvy (1996) em seu livro *O que é o virtual?* nos esclarece que o virtual não se opõe ao real e sim ao atual. Virtual é o que existe em potência e não em ato. Citando o



exemplo da árvore e da semente, Lèvy explica que toda semente é potencialmente uma árvore, ou seja, não existe em ato, mas existe em potência. Ao contrário dos exemplos citados no parágrafo anterior o virtual faz parte do real, não se opondo a ele, mas nem tudo que é virtual necessariamente se atualizará. Ainda no exemplo da semente, caso um pássaro à coma a mesma jamais poderá vir a ser uma árvore.

Transpondo essa idéia para a realidade educacional podemos aferir que quando estamos interagindo com outros sujeitos e objetos técnicos construindo uma prática de significação podemos tanto virtualizar quanto atualizar este processo. Vale destacar que a atualização é um processo que parte, quase sempre, de uma problematização para uma solução já a *virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema*. (Lèvy, 1996: 18). Logo, virtualizar é problematizar, questionar, é processo de criação.

Neste sentido podemos afirmar que um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando assim, a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem. Então todo ambiente virtual é um ambiente de aprendizagem? Se entendermos aprendizagem como um processo sócio-técnico onde os sujeitos interagem na e pela cultura sendo esta um campo de luta, poder, diferença e significação, espaço para construção de saberes e conhecimento, então podemos afirmar que sim.

Você leitor e meu virtual interlocutor deve estar se perguntando: então AVA pode não ser necessariamente um ambiente que envolva as novas tecnologias digitais de informação e comunicação? Ouso responder que sim. É possível atualizar e, sobretudo virtualizar saberes e conhecimentos sem necessariamente estarmos utilizando mediações tecnológicas seja presencialmente, seja a distância. Entretanto essas tecnologias digitais podem potencializar e estruturar novas sociabilidades e conseqüentemente novas aprendizagens.



As novas tecnologias digitais de informação e comunicação (Internet, Tv, vídeo, entre outros) se caracterizam pela sua nova forma de materialização. A informação que vinham sendo produzida e circulada ao longo da história da humanidade por suportes atômicos (madeira, pedra, papiro, papel, corpo) na atualidade também vem sendo circulada pelos bits, códigos digitais universais (0 e 1). As tecnologias da informática associadas às telecomunicações vêm provocando mudanças radicais na sociedade por conta do processo de digitalização. Uma nova revolução emerge, a revolução digital.

Digitalizada, a informação se reproduz, circula, modifica e se atualiza em diferentes interfaces. É possível digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações. Nesse contexto *a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social* (Castells, 1999:505). Novos processos criativos podem ser potencializados pelos fluxos sócio-técnicos de ambientes virtuais de aprendizagens que utilizam o digital como suporte, a exemplo, o ciberespaço.

O Ciberespaço como Ambiente Virtual de Aprendizagem

O ciberespaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como Rede Internet. Da máquina de calcular a Internet muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Tal mutação se caracteriza, dentre outros fatores, pelo movimento do *faça você mesmo e de preferência com outros iguais e diferentes de você*. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço!

Rede aqui está sendo entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces



digitais. Nessa híbrida relação, todo e qualquer signo pode ser produzido e socializado no e pelo ciberespaço, compondo assim, o processo de comunicação em rede próprio do conceito de ambiente virtual de aprendizagem. Nesse contexto surge uma nova cultura, a cibercultura, (...) *quaisquer meios de comunicações ou mídias são inseparáveis das suas formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio* (Santaella, 2002:45-6).

O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias e interfaces. Podemos encontrar desde mídias como: jornal, revista, rádio, cinema, tv, bem como uma pluralidade de interfaces que permitem comunicações síncronas e assíncronas a exemplo dos *chats*, listas e *fórum* de discussão, *blogs* dentre outros. Neste sentido o ciberespaço além de se estruturar como um ambiente virtual de aprendizagem universal que conecta redes sócio-técnicas do mundo inteiro, permite que grupos/ sujeitos possam formar comunidades virtuais fundadas para fins bem específicos, a exemplo das comunidades de *e-learning*.

É exatamente dentro do contexto de *e-learning* que o conceito de AVA precisa ser problematizado, ou melhor, virtualizado. A aprendizagem mediada por AVA pode permitir que através dos recursos da digitalização várias fontes de informações e conhecimentos possam ser criadas e socializadas através de conteúdos apresentados de forma hipertextual, mixada, multimídia, com recursos de simulações. Além do acesso e possibilidades variadas de leituras o aprendiz que interage com o conteúdo digital poderá também se comunicar com outros sujeitos de forma síncrona e assíncrona em modalidades variadas de interatividade: *um-um* e *um-todos* comuns das mediações estruturados por suportes como os impressos, vídeo, rádio e tv; e principalmente *todos-todos*, própria do ciberespaço (Lèvy, 1999).



As possibilidades de comunicação *todos-todos* caracterizam e diferem os AVA de outros suportes de educação e comunicação mediadas por tecnologias. Através de interfaces, o digital permite a hibridização e a permutabilidade entre os sujeitos (emissores e receptores) da comunicação. Emissores podem ser também receptores e estes poderão ser também emissores. Neste processo a mensagem poderá ser modificada não só internamente pela cognição do receptor, mas poderá ser modificada pelo mesmo ganhando possibilidades plurais de formatos. Assim o sujeito além de receber uma informação poderá ser potencialmente um emissor de mensagens e conhecimentos.

As potencialidades citadas acima são características do ciberespaço, mas não significa que todos os AVA disponíveis neste espaço, agregam conteúdos hipertextuais e interativos. Muitas práticas de e-learning ainda se fundamentam na modalidade da comunicação de massa, onde um pólo emissor distribui mensagens, muitas vezes em formatos lineares, com pouca ou quase nenhuma interatividade. Além do problema na qualidade do conteúdo veiculado no AVA, estes muitas vezes não podem ser modificados pelos aprendizes no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, os processos comunicacionais muitas vezes se limitam à prestação de contas de exercícios previamente distribuídos em formatos de múltipla-escolha ou em atividades medíocres, a exemplo das pirotecnias que poluem a percepção imagética e sonora dos receptores, muitas vezes chamadas de interativas, apenas por conta da mixagem, mistura em movimento de sons, imagens, gráficos, enfim linguagens variadas.

Cuidado com os Cursos Disponíveis no Ciberespaço! *E-learning* ou *E-instrucional*?

Muitos são os cursos oferecidos gratuitamente por diversas instituições no ciberespaço. Baseadas em discursos



calcados na democratização do acesso ao “conhecimento” e na “responsabilidade social” várias instituições, inclusive universidades, vem disponibilizando informações com direito inclusive a certificação universitária. Portanto, cabe-nos questionar: Será que estamos diante de uma revolução nas formas de ensinar e aprender ou o que está sendo disponibilizado via AVA são meras repetições instrucionais?

Nos últimos dois anos venho pesquisando e analisando AVA no ciberespaço e a cada dia, a cada nova experiência tenho me indignado muito. Venho observando que muitas experiências instrucionistas em *e-learning* acabam sendo legitimadas por associações de pesquisas científicas, nas quais inclusive sou sócia, muitas delas responsáveis pela formação de recursos sócio-técnicos e autoria de políticas na área de EAD no Brasil.

Objetivando sinalizar aspectos que comprometem as práticas do *e-learning*, analisarei a seguir um curso, disponível no site: www.anhemi.br/grandescursos, que foi divulgado e disponibilizado gratuitamente via correio eletrônico pela ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância do Brasil¹.

O objetivo da minha análise não é simplesmente acusar as instituições envolvidas, mas é, sobretudo convocá-las, principalmente os colegas pesquisadores, a criarem e gerirem experiências em *e-learning* que realmente utilizem as potencialidades do ciberespaço e dos AVA para que possamos imprimir de fato novas relações de aprendizagem *on-line* seja na potencialização das práticas curriculares e pedagógicas presenciais e/ou em EAD.

O curso que ora analiso foi oferecido gratuitamente pela Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. Essa instituição vem inaugurando experiências diversas no ensino *on-line* seja nos cursos de Graduação operacionalizando o parecer 2253², seja no oferecimento de cursos de extensão ou pós-graduação. Neste curso específico, a instituição conta com a parceira da TV Cultura, emissora de TV pública



responsável por uma respeitável programação nas áreas da Cultura e da Educação no Brasil.

O curso *A participação dos países emergentes na globalização* tem como argumento principal a opinião de um dos mais famosos e respeitáveis intelectuais da contemporaneidade o cientista Alan Touraine. O curso contava também com a participação de outras estrelas de mesma grandeza, os intelectuais: E. Morin e F. Capra. De posse dessas informações questionei: Farei um curso de extensão universitária ministrado pelo professor A. Touraine? Terei ainda a oportunidade de trocar minhas inquietações e produções com outros intelectuais, estudiosos e interessados pelo tema?



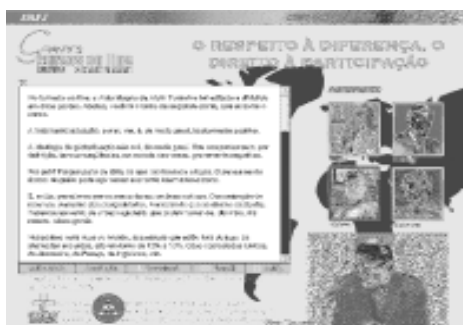
Tais inquietações inspiradas inicialmente por uma gostosa taquicardia foram logo substituídas por uma profunda inquietação e indignação. A autoria do professor Touraine estava limitada a dois textos distribuídos gradativamente, um texto por semana, em duas únicas aulas. Na aula de número 1 os participantes do curso puderam ter acesso a um texto no formato pdf intitulado: *A participação dos países emergentes na Globalização* e na aula número 2 *O respeito à diferença, o direito à participação*. Você leitor deve estar se perguntando: aulas?! Ou seja, espaços de criação e co-criação entre professores, estudantes suas informações e saberes que no processo interativo são transformados em conhecimentos que poderão ser expressados em várias linguagens? Ou apenas distribuição



em massa de textos? Sinto responder que o que **era** chamado de aula corresponde a segunda pergunta.



Qual a novidade ou contribuição trazida pelo *e-learning* neste exemplo de AVA? Esse formato de currículo e prática pedagógica muda com o ciberespaço e suas interfaces? Não basta apenas aplicar as tecnologias digitais de comunicação e informação – é necessário discutir como elas estão sendo utilizadas e a que interesses econômicos e, sobretudo políticos estão vinculados? Então vamos elencar mais questões: cadê o professor do curso? Ou na pior das hipóteses, cadê o tutor já que se trata de um clássico curso de EAD?



O professor sumiu! Será que ele é realmente importante? Que o mestre Paulo Freire em algum ciberespaço não escute esta pergunta. Pois é leitor... A autoria do professor está cada vez mais sendo negligenciada



nos cursos de ead-*online*. Há inclusive quem defenda como já sinalizei em outros textos, Santos (2002), que para a EAD *on-line* ou *e-learning* a autoria deve ser centrada no professor conteudista, aquele que elabora o material didático. No caso do curso analisado a autoria está centrada no professor Touraine. Cabe ao professor instrutor, ministrar o conteúdo produzido pelo professor-conteudista e ao professor-tutor, administrar as seqüências didáticas e atividades dos alunos.

Já que não poderia me comunicar com o professor-conteudista, procurei saber se o curso iria dispor de alguma mediação pedagógica, questionando: Teremos alguma mediação pedagógica especializada e interfaces para discussões com outros internautas que estão fazendo o mesmo curso? Prontamente recebi via correio eletrônico a seguinte resposta:

Prezada Edméa, nesta primeira fase de implantação dos Grandes Cursos On Line, não haverá mediações, fóruns ou chats. Todos esses recursos interativos serão disponibilizados aos participantes dos cursos a partir do 2003. Agradecemos a sua colaboração e esperamos contar com a sua participação nos nossos próximos cursos.

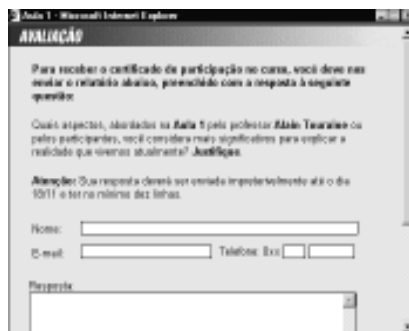
Fiquei contente com a resposta rápida e cordial da coordenação do curso, torcerei para que o projeto cresça com qualidade e que continue sendo gratuito quando houver interatividade *on-line*.

Mesmo sem interatividade o curso é válido e certificará todos os participantes que fizerem a avaliação. Que Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmam, Jacques Ardoino, Guy Berger, Charles Haji entre outros especialistas, não vejam o que estão chamando de avaliação. Para a maioria dos teóricos críticos da educação, avaliar não é examinar. A avaliação deve ser um processo dialógico e formativo, isso implica em diagnósticos que ilustram dados que devem



ser interpretados e analisados para tomadas de decisões acerca do processo de aprendizagem tanto do estudante quanto do professor. Portanto, a avaliação é um processo inclusivo, constante, negociante, comunicativo e amoroso. Ao contrário do exame que é pontual, acontece esporadicamente, com data e hora pré-determinados, sem negociações dialógicas, que classifica o sujeito, excluindo-o ou promovendo-o para fins apenas de progressões e certificação.

No curso analisado a avaliação não existe. O que o curso proporciona é uma prática de exame, onde cabe ao estudante disponibilizar um relatório dos textos disponibilizados. Basta enviar que no término do curso, caso os examinadores achem pertinente, o estudante *on-line* receberá um certificado de um curso de extensão universitária.



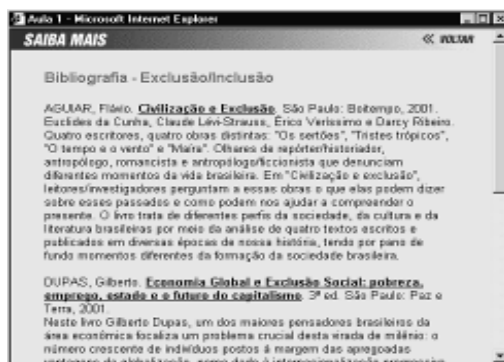
Além das questões já discutidas é fundamental trazer a tona à discussão sobre o *design* do AVA utilizado no curso. O AVA é composto por várias peças em *flash* que trazem, na sua tela inicial, uma pirotecnia das logomarcas das instituições envolvidas. Ao logo das “aulas” verificamos uma certa usabilidade, harmonia entre cores utilizadas, tipos e formatos de letras e caixas de diálogos que se mantêm ao longo de todo o curso. Os textos que formam o conteúdo



das aulas apresentam intratextualidade, mas nenhuma intertextualidade, muito menos multivocalidade e multiplicidade. O estudante fica limitado a acessar conteúdos agregados a própria peça (documentos internos) do AVA. Além disso, alguns links não são hipertextos informáticos. Por exemplo, no link “saiba mais” o conteúdo não leva o usuário ao texto correspondente, o conteúdo do link é apenas uma referência bibliográfica que segue as normas da ABNT com algum comentário sobre o texto.



Para o usuário ter acesso ao mesmo terá que procurá-lo em alguma biblioteca e livraria especializada. Vejamos a figura abaixo:





Para que o ciberespaço possa agregar AVA é fundamental discutirmos o currículo dos cursos *on-line* para além das clássicas discussões sobre EAD. Argumentos como: a) o *e-learning* permite que mais pessoas tenham acesso a informações com baixos custos, b) que o *e-learning* acaba com as distâncias geográficas dos alunos; c) que permite aos sujeitos excluídos em outros processos e políticas tenham acesso à informação, d) que o *e-learning* respeita o ritmo de cada aluno; e) que a informática agrega ao conteúdo uma estética mais interativa; não são argumentos suficientes e que justifiquem uma mudança qualitativa nas práticas de ensino-aprendizagem mediadas por tecnologia e AVA. É necessário estendermos a educação, a comunicação e as tecnologias digitais como referências híbridas e recursivas. Portanto, façamos diferente! Aprendamos com a *geração-net*, não matem a educação e a universidade e, sobretudo não enterremos os professores e as professoras!

Notas

* Este trabalho foi apresentado na modalidade de comunicação científica no I Seminário Nacional de Educação e Contemporaneidade promovido pela Programa de Mestrado da UNEB em novembro de 2002.

¹ www.abed.org.br.

² BRASIL/MEC/SEED, Portaria nº 2.253. Brasília, SEED/MEC, out./2001.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÈVY, Pierre. Cibercultura. SP: Editora 34, 1999.

_____, Pierre. O que é o virtual. SP: Editora 34, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. A crítica das mídias na entrada do século XXI. In: Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas / org. José Luiz A. Prado. São Paulo: Hackers Editores, 2002.

SANTOS, Edméa Oliveira. O currículo e o digital - educação presencial e a distância. Dissertação de mestrado. Salvador: FAGED-UFBA, 2002. Orientador. Dr. Nelson De Luca Pretto.



Edméa Oliveira dos Santos (mea2@uol.com.br) é pedagoga, mestre e doutoranda em Educação, Currículo e Novas Tecnologias pela FAGED/UFBA, professora de Didática e Novas Tecnologias do curso de Pedagogia da UNEB, UNIBAHIA e FAMEC.

